



Palácio Gustavo Capanema,
antigo prédio do Ministério da Educação e Saúde,
construído no período de 1937 a 1945,
depois Ministério da Educação e Cultura
até abril de 1960, quando a capital
foi mudada para Brasília.

Cecília Meireles: A educadora

ARNALDO NISKIER

~ Resumo

Apresentação das principais intervenções da poeta Cecília Meireles no momento educacional brasileiro de sua época, ressaltando sua acalorada defesa da modernização do sistema educacional, da introdução dos postulados da Educação Nova em nossas escolas, onde se incluía a laicização da educação e a adoção de uma metodologia que atendessem o desenvolvimento integral dos estudantes.

Suas crônicas apresentavam uma ácida crítica da situação educacional do Estado Novo, com leis que muito prometiam, mas nada realizavam.

As posições assumidas por Cecília lhe valeram alguns contratempos no reconhecimento público de suas atividades. O primeiro (1929), quando suas idéias renovadoras foram preteridas no concurso para a cátedra de Literatura da Escola Normal do Distrito Federal e o segundo (1938), ao ser contemplada com o prêmio da Aca-

Membro da Academia Brasileira de Letras; Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Licenciado em Pedagogia e em Matemática (UERJ); autor de vários livros sobre Educação, com destaque para: *Filosofia da educação* (Loyola, 2001), *Educação – 500 anos de história* (Funarj, 2001), *A árvore da educação* (ABL, 2001) e *Educação à distância – A tecnologia da esperança* (Loyola, 1999).

demia Brasileira de Letras, gerando uma grande polêmica no âmbito dessa Instituição, culminando com a desistência de Cecília Meireles de proferir o discurso de agradecimento em nome dos agraciados de todas as categorias.

Este trabalho busca destacar as idéias e ideais da Cecília Meireles educadora, atuante, dinâmica e contestadora, signatária do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932) ao lado de Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, dentre outros, e que, ao criar o Centro de Cultura Infantil (1934), colocou em prática esses ideais, logo abafados pela intervenção do Governo Getúlio Vargas e seu lamentável Estado Novo.

~ Introdução

Casas brancas
Nuvem branca
Pombos brancos
Jasmins.
Tomo nas mãos a primeira folha de papel
Que se pode escrever de tão claro?¹

Sempre que se abordam os grandes nomes femininos da poesia brasileira, Cecília Meireles ganha um lugar de destaque. Não só pela qualidade dos seus versos, mas pela sua atualidade, como poeta contemporânea. Antes de tocar na sua poesia tão pessoal e marcante, com obras reconhecidas pela Academia Brasileira de Letras, que lhe concedeu o Prêmio de Poesia Olavo Bilac, em 1939 – um galardão concedido a poucos intelectuais brasileiros – é preciso lembrar que ela foi professora e jornalista militante.

Jovem ainda, estudando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, costumava me

¹ Meireles, Cecília, 1988, p. 148.

deslumbrar com Cecília Meireles que, antes de morrer, em 1964, dedicou-se à coluna “Diário Escolar”, do jornal *Diário de Notícias*, na época uma referência de jornalismo e competência. Teve a colaboração do seu grande admirador Carlos Lacerda, contando também com a permanente ajuda do velho jornalista Campos Ribeiro, de quem, sinceramente, pela amizade que nos uniu, tenho verdadeira saudade.

Assim, a autora de *Ou isso ou aquilo?* tornou-se uma cronista da educação, depois de ter se formado no Instituto de Educação do Rio de Janeiro e lá lecionado. Criou uma biblioteca infantil e assinou o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, em 1932, redigido pelo Acadêmico Fernando de Azevedo, unindo-se a nomes como Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Todos queriam a democratização do ensino, com a valorização do que fosse humanístico e popular. Em uma de suas crônicas da época, Cecília Meireles escreveu:

Aprender é sempre adquirir uma força para outras vitórias, na sucessão interminável da vida.

Os adultos aconselham freqüentemente às crianças a vantagem de aprender, vantagem que tão pouco conhecem e que a si mesmos dificilmente seriam capazes de aconselhar.

Pode ser que um dia cheguem a mudar muito, e dêem conselhos a si mesmos.

Daí por diante, o mundo começará a ficar melhor.²

A presença de Cecília Meireles educadora não foi efêmera ou apenas luminosa por alguns momentos. Ela amava o magistério – como um dia nos confessou a filha, a atriz Maria Fernanda – tanto que enveredou pelos caminhos mais intrincados da pedagogia, como as reformas do ensino e da ortografia, política e religião, escola normal (de saudosa memória), qualidade do professor, educação e literatura infantil, civismo na formação das crianças, etc.

² Meireles, Cecília, 2001, p. 64.

Mesmo com passagens pela década de 30, quando vivíamos a Era Vargas, depois transformada em ditadura, a poeta revelava muitas e bem sólidas preocupações com a remuneração do magistério, o que mostra que esse flagelo vem de longe, embora haja piorado com o tempo. E Cecília, sem descurar da sua primorosa poesia, criticava os poderosos a seu modo, sobretudo quando eles, talvez por ignorância ou modismo, adotavam modelos estrangeiros que nada tinham a ver com a realidade nacional. É uma grande figura da nossa cultura, homenageada em 2001 na Academia Brasileira de Letras pelo seu centenário de nascimento.

~ A vida

E minha avó cantava e cosia. Cantava
canções de mar e de arvoredo, em língua antiga.
E eu sempre acreditei que havia música em seus dedos
e palavras de amor em minha roupa escritas.

Minha vida começa num vergel colorido,
por onde as noites eram só de luar e estrelas.
Levai-me aonde quiserdes! – aprendi com as primaveras
a deixar-me cortar e voltar sempre inteira!³

Professora, folclorista, poeta carioca, Cecília Meireles nasceu no dia 7 de novembro de 1901. Seus pais foram Carlos Alberto de Carvalho Meirelles – falecido três meses antes do nascimento da filha – e Mathilde Benevides, descendente de família de origem açoriana (da Ilha dos Açores, na costa da África, na época colônia portuguesa) que faleceu quando Cecília tinha apenas três anos de idade, passando a ser criada pela avó materna (D. Jacintha Garcia Benevides).

³ Meireles,
Cecília, 1988, p.
154.

A vocação para o magistério – quem sabe herança da mãe professora – levou Cecília Meireles a fazer o curso da Escola Normal Estácio de Sá, diplomando-se em 1917, vocação que se tornaria plural: cronista e contista, pintora, poeta, compositora, professora, pesquisadora, e que é marcada por *distinção e louvor* desde o curso primário, o que lhe permitiu acumular capital cultural em forma de premiações as mais significativas: medalha de ouro *Olavo Bilac*, na conclusão do curso primário.⁴

Cecília iniciou a carreira do magistério e logo depois (1919) publicou seu primeiro livro de poemas: *Spectros*, que havia escrito aos 16 anos. Em 1923, casou-se com o artista plástico português Fernando Correia Dias, de quem teve três filhas: Maria Elvira, Maria Matilde e Maria Fernanda. A educadora sobrepujou-se à poeta de 1925 a 1939, quando dedicou-se à literatura infantil e publicou *Criança meu amor*, adotado oficialmente nas escolas do País. Em 1929, concorreu à cátedra de Literatura na Escola Normal do Distrito Federal (entre os oito candidatos inscritos, Cecília ficou em segundo lugar). A cátedra foi vencida pelo professor Clóvis do Rego Monteiro, que defendeu “uma concepção pedagógica clássico-erudita”,⁵ ao contrário de Cecília, que orientou sua aula com um posicionamento pedagógico moderno, incluindo idéias do movimento conhecido como Escola Nova.

A partir de 1930, até 1933, redigiu, no jornal *Diário de Notícias*, uma página diária dedicada à renovação do ensino. Defendeu os princípios da Escola Nova, sob influência das idéias da moderna educação do sociólogo americano John Dewey – assinando, com outros educadores, o *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, em 1932. Em 1934, fundou, junto com seu marido, o Centro de Cultura Infantil, a primeira biblioteca infantil especializada do Brasil, instalada na cidade do Rio de Janeiro, no pavilhão do Mourisco, na praia de Botafogo.

⁴ Lobo, Yolanda
Lima, 1966,
p. 527.

⁵ Lobo, 1966,
p. 532.

O “Espaço Mourisco” é uma das estações do seu trajeto e foi inaugurado em 1934, à época de Anísio Teixeira na direção do Departamento de Educação do Distrito Federal. Tratava-se de um centro de cultura infantil para onde as crianças se dirigiam após os trabalhos escolares, e onde eram desenvolvidas atividades não somente de biblioteca, como também artísticas e musicais. Este centro de cultura despertou o entusiasmo das crianças e do público em geral e contava com a participação de intelectuais e artistas que atuavam como colaboradores especiais.⁶

Em visita a Portugal, em 1935, a convite do Secretário de Propaganda daquele país, realizou palestras, difundindo a literatura brasileira. Nesse mesmo ano faleceu seu marido.

Participou da recém-fundada Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, lecionando as disciplinas Literatura Luso-Brasileira e Técnica de Criação Literária, em 1936.

A Academia Brasileira de Letras premiou, em 1938, o livro de poemas *Viagem*. E alguns constrangimentos fizeram com que a poeta desistisse de proferir o discurso de agradecimento em nome de todos os premiados – além da categoria poesia, havia outras como contos e teatro – apesar dos esforços do então presidente. Conta Cecília: “Depois o professor Austregésilo ainda tentou, gentilmente, conciliar as coisas. Mas era um pouco tarde e eu estava sem paciência... Foi só.”⁷

⁶ Lobo, 1966, p. 528.

⁷ Meireles, Cecília, *Jornal do Commercio*, 1939; in LOBO, 1966, p. 540.

⁸ Montello, Josué, 1994, p. 250.

No fecho da longa e exaustiva exposição, Cassiano (Ricardo) manteve a conclusão de seu Parecer, com o apoio de Guilherme de Almeida e João Luso, para situar Cecília Meireles, com *Viagem*, entre as figuras primaciais da poesia de língua portuguesa, no plano da revolução estética que correspondia ao advento do Modernismo.⁸

O conhecimento de várias línguas ajudou nas viagens que fez ao exterior, iniciadas em 1940: lecionou Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas, nos Estados Unidos; proferiu um ciclo de

conferências sobre literatura, folclore e educação na cidade do México, seguindo-se, de 1944 a 1958, Uruguai, Argentina, Açores, Porto Rico, Índia, Goa, Israel e várias cidades da Europa. A Índia, que desde a adolescência fascinava Cecília, despertou na poeta um grande interesse. Para ela, a pobreza vivenciada pela população indiana aproximava aquele povo da verdadeira santidade. Mas, apesar de ter viajado pelo mundo inteiro, sempre preferiu viver no Rio de Janeiro.

Casou-se com Heitor Vinicius Silveira Grilo, em 1945. No período entre 1946 e 1953, Cecília Meireles recebeu uma série de honrarias, tanto no Brasil quanto em outros países, entre as quais a Ordem do Mérito Chileno e o título de Doutor *Honoris causa* da Universidade de Nova Delhi.

Como jornalista, foi responsável pela seção “Professores e Estudantes” (1941-1943), no periódico *A Manhã*. Ali publicou importantes estudos sobre folclore infantil, tornando-se, em 1948, membro do Conselho Nacional do Folclore. Em 1951, foi secretária do I Congresso Nacional do Folclore.

Produziu vasta obra em prosa e em verso: *Balada para el-Rei* (1925), *Viagem* (1938), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto e outros poemas* (1945), *Retrato natural* (1949), *Amor em Leonoreta* (1951), *O aeronauta* (1952), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Pequeno oratório de Santa Clara* (1955), *Canções* (1956), *A rosa* (1957), *Solombra* (1963), *Ou isso ou aquilo?* (1964), *Crônica trovada da Cidade do Rio de Janeiro*, editado em 1965. Além das obras citadas destacam-se ainda: *Doze noturnos da Holanda* (1952), *Pistóia, cemitério militar* (1955), *Metal rosicler* (1960), *Poemas escritos na Índia* (1962). Traduziu autores como Ibsen, Rilke, Tagore, Virginia Woolf e Lorca, entre outros.

Lygia Fagundes Telles, em conferência proferida na Academia Brasileira de Letras – durante as comemorações do centenário de nascimento da poeta – conta seu último encontro com Cecília, no hospital, ao visitá-la, na companhia do poeta paulista Paulo Bonfim:

Entramos no quarto. Cecília, linda, entre os travesseiros, sentada como uma rainha. [...] Havia pombos no terraço do apartamento lá do hospital, e nesse instante ela disse: “Toda manhã, na hora do café, jogo miolo de pão para eles e eles conversam comigo” Aí o poeta Paulo Bonfim perguntou: “E o que é que os pombos dizem, Cecília?” Ela respondeu: “Ainda não sei, mas se eu ficar mais tempo aqui, vou descobrir.” Foi esta a última visão de Cecília.⁹

No dia 9 de novembro de 1964, após longo período de enfermidade, faleceu no Rio de Janeiro. Sobre ela escreveu Carlos Drummond de Andrade: “A mulher extraordinária foi apenas uma ocasião, um instrumento, afinadíssimo, a revelar-nos a mais evanescente e precisa das músicas. E essa música hoje não depende de executante. Circula no ar, para sempre.”¹⁰

~ A educadora

⁹ Telles, Lygia Fagundes, 2001.

¹⁰ Andrade, Carlos Drummond de, in Meireles, 1988, p. 8.

¹¹ Meireles, Cecília, “Educação com ‘e’ pequeno...” *Diário de Notícias*, 27 de março de 1931. Artigo transcrito in *Crônicas de educação*, v. I, pp. 19-21.

Já disse um poeta persa que, se não fosse o suspiro, a gente morreria sufocada...¹¹

Nos estudos sobre a obra poética de Cecília Meireles, encontramos sempre referências à solidão, aos seus encontros consigo mesma, o seu entorno de silêncios e a observação minuciosa de pequenos detalhes: gotas de orvalho e lágrimas, pássaros e borboletas, belas folhas tocadas pelo vento, o barulho da chuva. A orfandade prematura possibilitou à menina um encontro particular e criativo, tirando de dentro de si mesma muito do amor escasso. A morte trágica do seu primeiro marido contribuiu ainda mais para que a solidão se transformasse na permanente referência à beleza que a cercava. Tudo isso pode ser sentido em sua poesia:

Meus dias foram aquelas romãs brunidas
repletas de cor e sumo e doçura compacta.

Foram aquelas dalias, redondas colméias
cheias de abelhas, de vento e de horizontes.
Meus dias foram aquelas negras raízes
escravas, caminhando por humildes subterrâneos.
Foram aquelas rosas duramente construídas
e logo sopradas por lábios displicentes.
Ah! meus dias foram aqueles sóbrios cactos
de raríssima flor encravada em coroas de espinhos.
Meus dias foram estes altos muros robustos,
este peso de enormes pedras, este cansado limite,
onde pousavam solidões, palavras, enganos
com o brilho, a inconstância desta incerta borboleta.

De sua obra em prosa, destaca-se a Cecília Meireles educadora, crítica entusiasmada da realidade educacional brasileira, que escrevia suas observações em páginas diárias de jornais. Sua produção jornalística abrangeu dois períodos de tempo: de 1930 a 1933, no *Diário de Notícias*; uma década depois, de 1941 a 1943, no jornal *A Manhã*, quando lhe foi recomendado que não escrevesse nada sobre política em sua coluna “Professores e Estudantes”. Seus artigos foram selecionados e organizados em livros. Suas *Crônicas de educação* foram reunidas em cinco volumes pela Editora Nova Fronteira, com apresentação do professor Leodegário A. de Azevedo Filho. Com base nessa obra, podemos traçar um perfil mais fiel da Cecília Meireles educadora.

Selecionamos alguns exemplos dos textos de Cecília, analisando a apresentação de suas idéias, destacando os pontos principais e considerando-se o momento histórico.

~ I. A educação e um mundo melhor:

Os intransigentes são os refratários à evolução. [...]

Mas, se há um tipo absolutamente impróprio para lidar com a infância e com a mocidade é o do intransigente. [...]

O educador tem de ser um acordador de energia. O intransigente é um portador de morte. [...]

Para o intransigente, o mundo continua parado, sob a sua idéia fixa. [...]¹²

Na formação de um mundo melhor, os educadores entram com a força da sua esperança, crendo que, na marcha das gerações, se irá operando uma transformação lenta, mas segura de ideologia dos homens e dos povos, aproximando-se de uma condição mais perfeita, num mundo mais feliz.¹³

Cecília Meireles foi uma crítica veemente do governo de Getúlio Vargas, a quem denominava “O Ditador”. Seu Centro de Cultura Infantil foi fechado em 1937, sob a desculpa de que ali se desenvolviam atividades contra o regime. O fundamento seria a existência, na biblioteca, de um livro inadequado para as crianças, por suas idéias de “conotação comunista”. Tratava-se do livro *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, escrito em 1876.

A identificação da poeta com os ideais da Escola Nova estava fundamentada na laicização da educação, na adoção de uma pedagogia moderna que considerasse o desenvolvimento das crianças (já naquela época Cecília difundia as idéias do educador suíço Jean Piaget), na valorização da liberdade, no prazer do trabalho realizado com amor. Suas crônicas revelavam descontentamento com a política de então e sua crença no importante papel da educação, com os professores atuando como verdadeiros agentes de mudança para um mundo melhor.

¹²“Os intransigentes”, *Diário de Notícias*, 27 de janeiro de 1931. In: Meireles, 2001, v. I, pp. 13-5.

¹³“Educação e revolução”, *Diário de Notícias*, 31 de outubro de 1930. In: Meireles, 2001, v. 2, pp. 119-20.

~ 2. O verdadeiro valor da educação

“A preocupação educacional não tomou ainda, no espírito de muita gente, a proporção que lhe deram, em todos os tempos, os es-

píritos excelentes, e a que lhe estão dando, neste momento, todos os representantes mais elevados da intelectualidade terrena.”¹⁴

“Tudo, em suma, é sempre uma questão de educação.”¹⁵

E então nos voltamos para a educação. Como um último apelo. Para que o sonho não se perca, e se faça realidade sem deixar de ser sonho. E é tão belo que entristece. Porque o instante de beleza definitiva deixa sempre os olhos úmidos. A gente pensa: “Se fracassa a beleza, que pode mais restar ao homem para seu sustento?”¹⁶

Ao participar de um encontro sobre Instrução, Cecília Meireles assombrou-se com a definição apresentada, por um dos diretores presentes, para *educação*. Para ele, “na sua terra a Educação estava muito adiantada: as moças sabiam entrar numa sala, liam revistas, e conheciam as modas...” Analisando a acalorada discussão que se seguiu, Cecília lembrou que, em nosso país, nem sempre os dirigentes possuíam uma noção correta do conceito de Educação e da sua amplitude, resumindo-a a um simples verniz com fórmulas de cortesia. Ao se insurgir contra as injustiças e desigualdades, elevando a voz para denunciá-las, logo o indivíduo seria considerado um “sem-educação”, um “malcriado”. No entanto, afirmava Cecília, “esses são os verdadeiros educados”.

Para Cecília Meireles, a educação não poderia ser criticada por “conhecedores e especialistas” que não possuíssem a formação adequada para opinar e analisar, de forma abalizada, diferentes questões pedagógicas. Em muitos de seus textos, a educadora reforça a idéia de que a formação dos professores passa por questões básicas relacionadas à filosofia e às expectativas profissionais de cada um. Observando as *normalistas* em época de conclusão de curso, Cecília questiona se realmente elas estariam preparadas para a dura realidade das escolas públicas, se saberiam as dificuldades que as aguardavam:

¹⁴“Educação com ‘e’ pequeno...”, *Diário de Notícias*, 27 de março de 1931. In: Meireles, 2001, v. I, pp. 19-21.

¹⁵“Questão de educação”, *Diário de Notícias*, 5 de fevereiro de 1932. In: Meireles, 2001, v. I, pp. 29-31.

¹⁶“O destino das esperanças”, *Diário de Notícias*, 1 de maio de 1932. In: Meireles, 2001, v. 4, p. V.

[...] essas jovens chegam à formatura sem a visão do problema que as espera, sem compreensão, nem intuição, nem paixão pela psicologia infantil, para a qual, no entanto, terão de constantemente apelar.

Falta de vocação? Falta de estímulo? Orientação defeituosa?

Não se sabe. Mas é alguma coisa que interessa, e em que se deve pensar.¹⁷

Os ideais do magistério, principalmente para aquelas que lidariam com crianças pequenas, precisavam estar bem definidos na alma dessas novas professoras, acendendo-lhes o ânimo frente às dificuldades e alimentando-as com o sorriso e a esperança dos rostos infantis.

¹⁷ “O professor moderno e a sua formação”, *Diário de Notícias*, 26 de junho de 1930. In: Meireles, 2001, v. 3, pp. 131-2.

¹⁸ “Questões de liberdade”, *Diário de Notícias*, 27 de março de 1931. In: Meireles, 2001, v. 1, pp. 23-4.

¹⁹ A trajetória de Francisco Campos e a reforma educacional por ele proposta foram analisadas no livro de nossa autoria *Educação brasileira, 500 anos de história*. Rio de Janeiro: Consultor, 1996, p. 478.

~ 3. Educação e liberdade

Mais de uma vez temos dito — é preciso repeti-lo sempre — que o principal problema da educação moderna é a liberdade humana, no seu mais grandioso sentido. [...] Num regime como o que desejamos, os homens adquirem sua liberdade por meio, justamente, da educação. É preciso facilitar-lhes a evolução, o desenvolvimento, as capacidades. [...] esperávamos uma reforma de finalidades, de ideologia, de democratização máxima do ensino, de escola única, — todas essas coisas que a gente precisa conhecer e amar, antes de ser ministro da educação.¹⁸

Na Revolução de 1930, Francisco Luís da Silva Campos, natural de Minas Gerais, foi convidado por Getúlio Vargas para ocupar a recém-criada Pasta da Educação e Saúde Pública. Promoveu a reforma do ensino de abril de 1931. De 1935 a 1937 exerceu as funções de Secretário da Educação do Distrito Federal. Com o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, assumiu o Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores do Estado Novo — de cuja Carta Constitucional foi o maior autor —, ali permanecendo até 1943.¹⁹

Cecília Meireles havia depositado muitas esperanças na reforma proposta por Francisco Campos, mas, infelizmente, ela não trouxe as inovações esperadas, ao contrário, “nos coloca nas velhas situações de rotina, de cativo e de atraso que aos olhos atônitos do mundo proclamarão, só por si, o formidável fracasso da nossa malograda revolução”.

~ 4. Educação e paz

O sonho de paz sobre a terra descansa nesse intuito comovedor de tornar iguais todos os homens a partir do instante neutro da infância, dentro da neutralidade da escola.

A escola tem de ser o lugar de reunião daqueles que se preparam para a arte difícil de viver. Seria lamentável que, nesse convívio preliminar, se impusessem divergências e desigualdades, favorecendo e desfavorecendo o princípio de um mundo que desejamos harmoniosamente formado, numa coerência admirável de todos os seus elementos.²⁰

Ao discorrer sobre a preocupação da época com os movimentos de educação popular, Cecília Meireles ressaltou a importância da educação para todos como forma de garantir melhores condições na batalha pela vida das classes menos favorecidas. A escola ganhou, no ponto de vista da educadora, papel de destaque. Seria ela a instituição responsável pelo oferecimento de oportunidades iguais, como promotora de mudança social, local que “ofereça a todas as crianças iguais possibilidades de efetuar sua adaptação ao mundo sem tiranias e sem humilhações”.

Os movimentos populares pela educação de jovens e adultos, a briga por uma escola pública de qualidade, a preocupação com o atendimento integral da criança, trazendo para a escola os mais modernos estudos científicos voltados para o desenvolvimento infantil, faziam parte das preocupações dos educadores que dese-

²⁰ “Educação”, *Diário de Notícias*, 6 de dezembro de 1931. In: Meireles, 2001, v. I, pp. 27-8.

javam uma educação melhor e mais abrangente para a nossa juventude e que acreditavam que a educação poderia ser um forte elemento de ascensão social. É bom lembrar que, à época de Cecília, nossas escolas públicas eram de grande qualidade e o ensino particular ainda engatinhava, atendendo somente àqueles que não conseguiam, por deficiências em sua formação, ingressar no ensino público.

²¹ “Educação – palavra imensa...” *Diário de Notícias*, 7 de dezembro de 1930. In: Meireles, 2001, v. I, pp. 65-7.

O ufanismo pedagógico apresentou, durante muito tempo, a educação como a ponte possível, que forneceria aos menos favorecidos as condições e ferramentas, para que entrassem, em igualdade de condições, no competitivo mundo econômico.

²² “Professores e pais”, *Diário de Notícias*, 16 de setembro de 1930. In: Meireles, 2001, v. I, pp. 113-4.

5. O lar e a escola

[...] a criança dispõe de dois meios que sobre ela atuam poderosamente: a escola e o lar. (Vamos admitir como *lar* a própria vida social, e não somente o convívio da família.) [...] E pensávamos: se educamos a criança, contando apenas com a cooperação da escola, iremos atirá-la a um mundo inadequado, impróprio para a sua vida.²¹

²³ “Relação entre o lar e a escola”, *Diário de Notícias*, 7 de janeiro de 1931. In: Meireles, 2001, v. I, pp. 115-7.

A educação moderna, para ser uma realidade viva, depende do entendimento de professores e pais, de modo que a obra da escola e do lar se unifique numa comum intenção.²²

Encerrando o ano letivo [...], uma certeza levaram os professores, bem nítida, a respeito da moderna orientação educacional: a da necessidade de se aproximarem, cada vez mais, pais e professores, e de se dar uma diretriz harmônica ao ambiente infantil, no lar e na escola.²³

²⁴ “Um por todos e todos por um”, *Diário de Notícias*, 7 de junho de 1932. In: Meireles, 2001, v. I, pp. 247-8.

A escola moderna é francamente aberta ao público. O seu maior desejo é estabelecer o contato de pais e professores, para que ambos dêem o melhor e mais bem orientado esforço ao serviço da criança.²⁴

A importância da relação lar/escola está registrada na Constituição Brasileira (1988):

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.²⁵

Este texto substituiu a forma anterior, que estabelecia que a educação “é direito de todos e dever do Estado, e será dada no lar e na escola”. A vida moderna, com a inclusão cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, tem obrigado a que a escola assuma algumas atribuições que sempre foram realizadas pela família. A consolidação de valores e princípios, as regras básicas de convivência e cidadania, as questões relacionadas a parâmetros morais, antes delegadas exclusivamente às famílias, passam agora a constituir-se temas de discussão no âmbito escolar. As expectativas das famílias – na busca de melhores opções educacionais para seus filhos e na escolha de instituições que apresentem embasamento filosófico compatível com seus ideais e aspirações – tornam imprescindível uma relação atuante entre família/escola, até para a proposição de resolverem juntas problemas comuns.

Cecília Meireles destacou em seus escritos que é necessário que escola e família trabalhem juntas em benefício das crianças e jovens. O trabalho iniciado na escola deve ser acompanhado e desenvolvido também com o apoio dos pais. Ao lançar sobre a escola as dificuldades de seus filhos, sem conhecer ou acompanhar como se desenvolve a sua vida escolar, os pais estarão conhecendo apenas uma parte do problema. Ao mesmo tempo, remeter à família a culpa do fracasso escolar de seus alunos, eximindo-se de qualquer responsabilidade, torna a escola menor, não assumindo o seu papel de educar de forma integral, não contemplando, além do aspecto cognitivo, o afetivo, um dos principais pontos de sucesso ou fracasso.

²⁵ *Constituição: República Federativa do Brasil*. 1988, pp. 137.

6. O bom professor

Ser professor é como ser artista: não se faz; já se nasce...²⁶

E ter coração para se emocionar diante de cada temperamento.

E ter imaginação para sugerir.

E ter conhecimentos para enriquecer os caminhos transitados.

[...] Saber ser poeta para inspirar.²⁷

Há uma quantidade infinita de coisas inúteis para a vida: o professor deve tê-las à margem. Mas há uma porção de coisas essenciais para a formação humana: o professor deve conhecê-las todas, praticá-las, integrá-las, em si, vivê-las!²⁸

A primeira coisa que empolga o aluno, quando posto em contato com o professor, é o prestígio moral que deste irradia. Esse prestígio determina imediata e definitivamente a sua autoridade, isto é, a sua possibilidade de conduzir com doçura e entusiasmo as vidas que lhe são entregues.²⁹

O fim das escolas normais foi um baque na educação brasileira. O primeiro sintoma dessa tragédia pedagógica foi a transformação das eficientes Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras em Faculdades de Educação. Houve perda de qualidade. Depois, com a Lei nº 5.692/71, abriu-se caminho para a destruição das tradicionais Escolas Normais, trocadas por nada mais expressivo. E nessa fúria aparentemente transformadora, agora os Institutos de Educação cedem vez aos charmosos Institutos Superiores de Educação, produtos da Lei nº 9.394/96, num lamentável exercício periférico de troca de nomes, sem que se alcance o âmago da questão.

Por que falta entusiasmo nos cursos de formação de professores? E por que eles são os últimos onde ocorrem mudanças fundamentais? Onde está o magistério como sacerdócio, tão valorizado por

²⁶ “Professoras de amanhã”, *Diário de Notícias*, 8 de julho de 1930. In: Meireles, 2001, v. 3, pp. 133-5.

²⁷ “Qualidades do professor” [1], *Diário de Notícias*, 10 de agosto de 1930. In: Meireles, 2001, v. 3, pp. 147-8.

²⁸ “Qualidades do professor” [2], *Diário de Notícias*, 16 de agosto de 1930. In: Meireles, 2001, v. 3, pp. 151-2.

²⁹ “Formação do professor” [1], *Diário de Notícias*, 24 de agosto de 1930. In: Meireles, 2001, v. 3, pp. 163-4.

Cecília Meireles? O estímulo à mais importante das profissões segue numa nítida tendência decrescente, sem que se sinta das autoridades oficiais qualquer esforço mais sério no sentido de estancar o processo – e revertê-lo rapidamente.

Houve em cada mudança um currículo mais atraente? Os salários foram dignificados de acordo com as habilitações alcançadas?

É claro que se pode esperar melhores dias para a formação e o aperfeiçoamento do magistério, com as conseqüentes e naturais repercussões em seus planos de carreira. Os salários terão de ser dignificados, de todo jeito.

Se o próprio sistema não apresenta uma proposta concreta e harmônica a respeito do que se espera de um curso de magistério, o que aguardar das autoridades enclausuradas em gabinetes refrigerados? E sem o menor conhecimento prático do que se deveria ou poderia fazer numa sala de aula – ou até mesmo fora dela, com o emprego hoje possível de surpreendentes tecnologias educacionais.

Cecília Meireles, em sua época, valorizava os professores dedicados e que colocavam como seu maior objetivo o atendimento a seus alunos. Hoje, o exercício do magistério é considerado uma profissão como outra qualquer e que precisa proporcionar a quem a exerce as condições mínimas de qualidade de vida, onde se inclui o sustento, a moradia e a possibilidade de realização de cursos de atualização e aperfeiçoamento. Esta ainda não é a realidade da educação brasileira.

~ 7. Novas tecnologias

Um país novo, mas de intensa capacidade evolutiva, como o Brasil, não pode deixar de se instruir com as experiências já verificadas em outros pontos da terra – para aproveitar com os bons exemplos de umas, e acautelar-se dos desastres de outras.³⁰

³⁰ “Professores e estudantes”, *A Manhã*, 9 de agosto de 1941. In: Meireles, 2001, v. 5, p. 2.

Cecília Meireles, há sessenta anos, apresentava a importância do conhecimento sobre as novas experiências educacionais que aconteciam em outros países. Ressaltava, porém, a importância fundamental da avaliação “para aproveitar os bons exemplos de umas, e acautelar-se dos desastres de outras”.

A adoção pura e simples de teorias e tecnologias estrangeiras não garante o êxito de novas experiências pedagógicas. É preciso que sejam levadas em consideração as características peculiares de cada região, os fundamentos filosóficos e sociais de cada povo, a diversidade e riquezas culturais. A própria educação à distância não é uma metodologia recente. Tem pelo menos 200 anos, daí não ser estranha à realidade de um país de cultura milenar, como a China, que hoje treina 1,5 milhão de trabalhadores via satélite.

O grande desafio brasileiro é levar educação de qualidade através de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, em que há regiões zeradas em educação – a zona rural é uma tragédia em matéria de educação. Como é que não estamos utilizando os satélites para levar educação a essa gente, alfabetização mesmo? O grande obstáculo é a falta de mentalidade, de vontade política. Ainda temos 18 milhões de analfabetos puros.

Cecília Meireles comenta, em uma de suas crônicas de viagem, que seria muito difícil a vida de um analfabeto nas cidades norte-americanas. Ali, as situações estão sinalizadas com palavras: todos os avisos, alertas, placas, propagandas, usam a linguagem escrita.

Quando pensamos no Brasil de amanhã, permanente preocupação de Cecília Meireles, temos que dar, nós todos, a contribuição indispensável para que a nossa vida possa ser melhor e para que as crianças que estão hoje nas escolas – as crianças do novo século – possam estar mais bem preparadas, e, dessa forma, ajudar o País a crescer.

~ Conclusões

A obra em prosa de Cecília Meireles, com destaque para as suas *Crônicas de educação*, nos proporciona a mesma emoção que sentimos ao ler a sua obra poética. Defensora permanente dos ideais de uma nova educação e pelos direitos das crianças e dos jovens a uma educação de qualidade, Cecília apresentava suas dúvidas quanto ao futuro de nossos estudantes, criticando de forma contundente políticos e especialistas, que se perdiam em leis e teorias, sem traçarem, efetivamente, um Plano Nacional de Educação.

Uma das maiores preocupações da educadora, presente em inúmeras crônicas, é com a formação dos professores. Pensava ela que as professoras não saíam das Escolas Normais efetivamente preparadas para o exercício do magistério. E que a vocação, os sonhos e os ideais eram colocados de lado frente à dura realidade que iriam enfrentar, sem uma base sólida de conhecimentos e ainda praticando uma educação desvinculada da realidade dos alunos e da sociedade como um todo.

A colocação das crianças em destaque – como centro de todo o processo educativo – é um outro ponto enfatizado; poeticamente, a educadora afirmava na crônica “A escola para as crianças”, publicada no *Diário de Notícias*, em 23 de novembro de 1930: “Escola não é um edifício, não é um corpo docente. Escola é um conjunto de crianças.” Elas deveriam ser o foco das atenções, do estudo dos professores, que deveriam compreendê-las integralmente, segundo os postulados da Escola Nova.

Cecília Meireles discorreu sobre todos os temas educacionais: métodos, especialistas, professores, livros, arte, leis, reformas, crianças, adolescentes, política, liberdade, escola, literatura infantil, educação comparada (como resultado de suas viagens pelo mundo), a importância da família, pois, como dizia: “Tudo, em suma, é sempre uma questão de educação.”

Já não mais desejo andanças;
tenho meu campo sereno,
com aquela felicidade
que em toda parte buscava.
O tempo fez-me paciente.
A lua, triste mas doce.
O mar, profunda, erma e brava.³¹

~ Referências bibliográficas

- BRASIL. Constituição: República Federativa do Brasil – Capítulo III – Seção I – Da Educação – Art. 205. Brasília: Senado Federal, 1988, p. 137.
- GOUVÊA, Leila V.B. “A capitania poética de Cecília Meireles”. *Cult* Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, n. 51, ano V, outubro, 2001, pp. 41-7.
- LOBO, Yolanda Lima. “Memória e educação: O espírito vitorioso de Cecília Meireles”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Brasília, v. 77, n. 187, set./dez., 1966, pp. 525-45.
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Volumes I a 5. Obra em Prosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Biblioteca Nacional, 2001.
- _____. *Poesia Completa*. Volumes I e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001.
- _____. *Verdes reinos encantados*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1988.
- MONTELLO, Josué. “A última batalha do Modernismo”. *O Modernismo na Academia – Testemunhos e documentos*. Coleção Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1994. pp. 245-51.

³¹ “Narrativa”, *Vaga música*, in *Poesia Completa*, v. I, p. 433.

MORAES, Juneldo. “Cecília Meireles”. *A União* (João Pessoa),
Dois, nov./2001, p. 13.

TELLES, Lygia Fagundes. “Cecília Meireles da minha juventude”.
Ciclo de conferências *Centenário do nascimento de Cecília Meireles*. Rio
de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 21 de agosto de 2001,
mimeo.